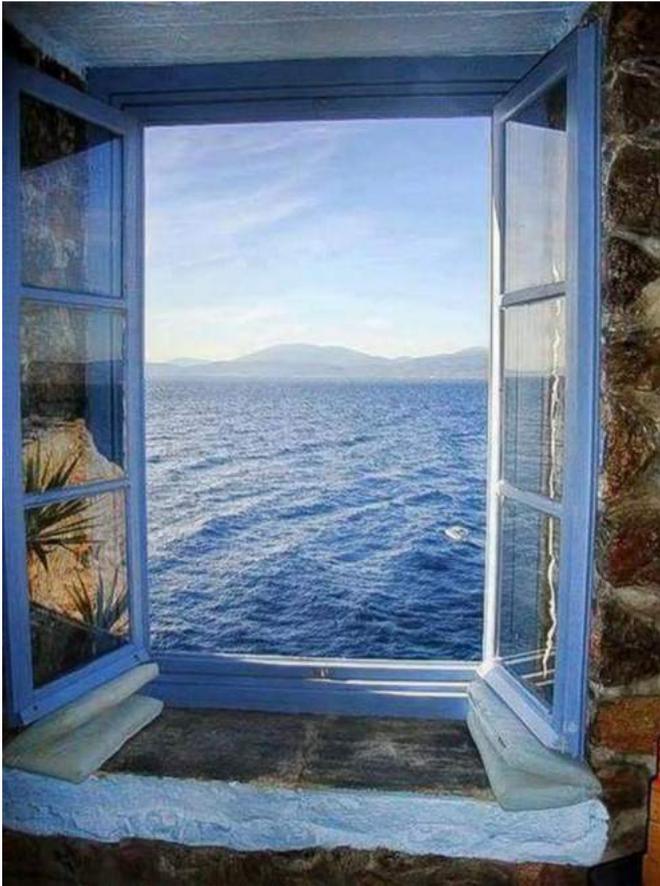


# "Dou-vos a Minha Paz"



«Vai e faz tu também o mesmo»  
Lc 10, 37

Equipa do Caderno de Oração  
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

---

Andreia Alexandre  
Cristina Mesquita  
Filipa Ramalhete  
Francisco Valles  
João Ricardo Moreira  
Manuela Cerejeira  
Marta Valles  
Pilar Bazo (Missionária VDei)  
Paula Mourão  
Paulo Porto  
Paulo Vieira  
Sofia Palminha  
Pe. Valter Malaquias  
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

---

Guadalupe Sánchez (Missionária VDei)  
Margarida Almeida

Comentários e sugestões para:  
**[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)**

## "Dou-vos a Minha Paz"

4	INTRODUÇÃO
	<b>PARTE I   Domingos de Verão</b>
8	3 Julho - Domingo XIV do T.C.
12	10 Julho - Domingo XV do T.C.
18	17 Julho - Domingo XVI do T.C.
22	24 Julho - Domingo XVII do T.C.
27	31 Julho - Domingo XVIII do T.C.
34	7 Agosto - Domingo XIX do T.C.
38	14 Agosto - Domingo XX do T.C.
41	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
46	21 Agosto - Domingo XXI do T.C.
52	28 Agosto - Domingo XXII do T.C.
	<b>PARTE II   Textos da Igreja</b>
58	Homilia do Papa Francisco no Jubileu dos Doentes e das Pessoas Portadoras de Deficiência
62	Audiência Geral do Papa Francisco em 19 de Agosto de 2015
65	Para uma Nova Ética do Trabalho, de José Toelintino de Mendonça
69	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

## Umás férias justas

Destes-vos, porventura, conta de que nós, os que podemos ter férias, somos uma pequena parte dos habitantes da Terra? Com isto não quero, de forma alguma, azedar-vos estes meses. Pelo contrário, quero que os passeis muito bem. Se podemos ter férias, é porque temos disso possibilidade, temos trabalho e os estudantes ficaram aprovados nos seus exames.

Isto assente, tenho de fazer-vos uma sugestão que me parece de justiça: a de viver esse tempo sem nos queixarmos, desfrutando, agradecendo. Viajar é uma sorte, nadar, navegar, ou apanhar sol nas praias é outra sorte. Deus, por Seu turno, não nos cobra, nem o sol, nem o ar que move os barcos à vela ou levanta os papagaios de papel, nem a areia da praia, nem a água do mar, nem o vento fresco das montanhas, nem os peixes, nem os pássaros, nem seja o que for. Deus é Gratuito e o que nos ofereceu, na Criação, de forma tão exuberante e generosa, continua a oferecer-nos, às mãos cheias.

O que é justo é que o Verão nos ajude a estar agradecidos a Deus e à Criação. Que nos surjam desejos de cantar, de crescer, de competir, de descobrir e de aprender; de ler, de inventar e de ser gente que se prepara para procurar soluções com vista a construir um mundo mais fraterno.

E já que falamos do mar e das praias, é justo, também, que pensemos que pelos nossos mares se deslocam embarcações nas quais nenhum de nós entraria e em que viajam milhares de pessoas que nem sempre chegam a bom destino. Perdem-se no mar, umas vezes sós, outras com os seus filhos. Não poucos de entre eles são cristãos perseguidos a quem se expulsa dos seus países, ou que neles não são deixados viver em paz.

Que podemos fazer? Nada? Alguma coisa, sim: pensar neles com carinho, desejar construir uma sociedade em que possamos viver e desfrutar todos, inclusivamente os que até agora nunca têm férias.

Jesus tem de nos fazer valentes; buscadores sempre do bem dos que parece não terem o seu canto na Terra. Neste tempo de férias, descansemos com Jesus, deixemos que Ele nos comunique as Suas intenções e os Seus desejos, respeitantes a um mundo mais justo, em que todos e cada um tenhamos as mesmas possibilidades com que Deus nos presenteou, à totalidade dos seus filhos.

FÉRIAS FELIZES!





parte I      **Domingos de Verão**

## Viver com INTENSIDADE ou INTENSAMENTE?

Is 66,10-14c «Depois disto, o Senhor designou outros

Sl 65 (66) dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares

Gl 6,14-18 aonde Ele havia de ir. Disse-lhes: “A messe é

Lc 10,1-12.17- grande, mas os trabalhadores são poucos.

20 Rogai, portanto, ao dono da messe que mande

trabalhadores para a sua messe. Ide! Envio-  
vos como cordeiros para o meio de lobos.

Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’ E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós. Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que lá houver, pois o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos for servido, curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: ‘O Reino de Deus já está próximo de vós.’» (Lc 10, 1-9)



omeço este momento de oração com uma questão que partilho: “Como vivo a minha vida?”

Para muitos, possivelmente aproxima-se a tão desejada fase de férias que corta com as rotinas do dia-a-dia (sejam elas, eventualmente, boas ou más), dando lugar a um tempo de descanso, de lazer. Ainda assim, julgo que fará sentido ter esta questão presente na mente e coração.

Seguramente todos nós já analisamos os modos de vida dos outros e mesmo, sem querer, entramos em julgamentos se este ou aquele são adequados ou não, se prejudicam mais do que beneficiam quer a própria pessoa quer aqueles com quem se cruzam... Fazemos também esta mesma experiência, seguramente, connosco próprios – ao fim do dia assalta-me muitas vezes a questão: “Durante o dia de hoje, a minha presença impactou de forma favorável e positiva a construção de um mundo melhor ou não?”

A resposta a esta questão será, eventualmente, de forma um pouco simplista, a síntese da nossa perceção relativamente à nossa própria existência e, para crentes, do modo como vivemos a missão que vamos intuindo que Deus nos confia!

O tempo atual é um tempo marcado por alguns excessos... em que estamos sempre ligados, o tempo é sempre pouco para o que se necessita fazer e, de facto, o período de férias aparece no calendário como um tempo que aparentemente nos vem salvar... A intensidade da vida presente é tal que nos ancoramos já ao tempo futuro... A imagem que me vem à memória desta situação (por vezes perversa...) é a do homem, montado no burro, a agarrar na cana de pesca com a cenoura na ponta do fio... e lá vai o burro caminhado atrás daquela cenoura... Assim sou eu, e porventura muitos outros, a viver diariamente a minha vida com uma intensidade que me leva a desejar uma pausa para viver, mais do que a intensidade, a vida intensamente, podendo até não chegar a

provar essa tão desejada “cenoura”. É que, para além de tudo, este modo de vida a que chamei de “viver com intensidade” é viciante pelo que mesmo que eu pare com a rotina e até viva o tempo das merecidas férias, posso fazê-lo neste mesmo modo! Um exemplo que para mim demonstra esta dependência é o telemóvel e as suas múltiplas *apps*... Tão difícil que é optar por viver sem estar constantemente ligado (com tudo o que de bom isto também trouxe).

Quando lia esta passagem de Lucas, assaltava-me a seguinte inquietação – “Como viveram intensamente estes homens o desafio que o Senhor lhes lançou...”. A novidade do Seu anúncio, a descoberta de um sentido maior para as Suas vidas, a sensação de que transporto comigo algo de tão preciso que não consigo conter em mim e que, porque experimento e vivo, preciso de dar a conhecer a outros, fez com toda a certeza que vivessem intensamente estes momentos, guardando nos seus corações uma grande alegria. E paz!

Esta é possivelmente a maior diferença e a forma de entendermos em que modo andamos a viver (“com intensidade?” ou “intensamente?”) – a PAZ – “experimento-me em paz comigo e com os outros?”

A paz que cada um dos homens e mulheres enviados por Jesus deixava por onde passavam era a paz que habitava neles, a paz de quem vive não só por si nem pelas suas forças, mas de quem, humildemente, serve!

“Viver intensamente” a minha vida, é ser veículo da presença de Deus para os outros. Afinal, é para isso que fomos criados: ser habitado e deixar fluir, de forma desinteressada, um amor maior que, por onde passa e onde chega, leva consigo o poder de transformar e dar vida!

## Todos os minutos são preciosos

*Às vezes, quando me encontro com velhos amigos, lembro-me da rapidez com que o tempo passa. E isso faz-me pensar se temos utilizado o nosso tempo de forma adequada ou não. A utilização adequada do tempo é tão importante. Enquanto tivermos este corpo e especialmente este cérebro humano incrível, acredito que cada minuto é algo precioso. O nosso dia-a-dia é muito vivido à base de esperança, embora não exista a garantia do nosso futuro. Não há garantia de que amanhã a esta hora estejamos aqui. Mas estamos sempre na expectativa de que isso aconteça, puramente na base da esperança. Por isso, precisamos de fazer o melhor uso possível do nosso tempo. Acredito que a utilização adequada do tempo é a seguinte: se você puder, esteja disponível para as outras pessoas, ou para outros seres sensíveis. Se não, pelo menos, abster-se de os prejudicar. Eu acho que esta é toda a base da minha filosofia.*

*Concluindo, precisamos de reflectir o que é que realmente se deve valorizar na vida, o que dá sentido às nossas vidas, e definir as nossas prioridades com base nisso. O propósito da nossa vida precisa de ser positivo. Nós não nascemos com o propósito de causar problemas, prejudicando outros. Para que a nossa vida seja de valor, acho que devemos desenvolver boas qualidades humanas básicas - o calor, a bondade, a compaixão. Então, a nossa vida torna-se significativa e mais pacífica, mais feliz.*

(Dalai Lama, em 'The Art of Happiness')

## “Neste verão, vai e faz tu também o mesmo...”

- Dt 30,10-14 «Naqueles dias, Moisés dirigiu-se ao povo nestes termos: “Hás-de ouvir a voz do Senhor,
- Sl 68 (69) teu Deus, e cumprir os Seus mandamentos e as Suas leis, que estão escritos no Livro da Lei.
- Ci 1,15-20 Hás-de voltar para o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma. Pois
- Lc 10,25-37 essa Lei, que te imponho neste dia, não é difícil demais para ti, nem está fora do teu alcance. Não está no Céu (...) não está para

além do mar (...) Sim, porque a palavra está muito perto de ti: está na tua boca e no teu coração, para que a possas cumprir.”»  
(Dt 30, 10-14)

«Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: “Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?” Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na Lei? Como lês?” O outro respondeu: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem; faz isso e viverás.”

Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Tomando a palavra, Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.” Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” Respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele.” Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também o mesmo.”» (Lc 10, 25-37)



oltar a rezar estas leituras foi um privilégio para mim, pois ambas têm sido importantes na minha vida. A primeira, de Deuterónimo, foi a primeira leitura do meu casamento, escolhida de um modo especial há mais de 19 anos, mas que continua a tocar-me sempre.

A Parábola do Bom Samaritano, para além de incluir o lema deste ano da Verbum Dei “*Vai e faz tu também o mesmo!*”, é uma das leituras que pude aprofundar neste ano da Misericórdia, na Formação Bíblica sobre São Lucas, e que tenho rezado desde o meu retiro anual – outubro de 2015 – em que foi a base de umas pistas que me marcaram imenso ao longo do ano.

Quando rezo a primeira leitura, sinto o grande convite em permanecer numa vida orante, mesmo quando às vezes não é fácil, ou parece que estamos longe. As palavras de Deus enchem-me de uma grande esperança e confiança, pois Ele conhece cada um de nós e sabe o que vivemos – e por isso nos promete que, se permanecermos, ouviremos a sua voz e o seguiremos com toda a

nossa alma e o nosso coração. Sim, Deus está perto, somos habitados por Ele – está na nossa boca, no nosso coração, em todo o nosso ser. Só temos que o deixar manifestar-se em nós e através de nós.

Como posso, durante esta semana, ter a consciência mais real desta presença grande de amor em mim, como posso dar-lhe espaço, deixá-la manifestar-se e transbordar através da minha vida “normal”? Em mim, em casa, no trabalho, no lazer, em qualquer ambiente ou situação que esteja a viver. “Sermos Jesus”...

Isto leva-me à segunda leitura, a Parábola do Bom Samaritano.

Imaginar que sou eu que pergunto a Jesus que me habita: “O que hei-de fazer para que a minha vida seja a melhor possível? Para a viver em pleno?”

E aqui recordo o que me tem acompanhado desde o retiro...

Podemos viver esta parábola a partir de quatro perspetivas diferentes:

### **1) Na pele do indivíduo que está na beira do caminho**

Todos nós já passámos por situações em que estivemos caídos, nos sentimos meio mortos à beira do caminho.

Houve alguém que nos olhou, cuidou e levantou... Quem foi?

Às vezes pequenas coisas... podem significar a diferença entre a vida e a morte, entre ficarmos bem ou ficarmos mal!

Hoje, vamos agradecer por essa(s) pessoa(s) que colocaste no caminho, que nos amparam.

Agradecer pela experiência de que, mesmo no fundo do poço, não estamos sós...

O desafio é ir e fazer também o mesmo... com outra pessoa!

## **2) No papel do samaritano**

Houve momentos da nossa vida em que fui boa samaritana.

Fazemos coisas boas, e é importante fazer memória...

Cada um de nós é uma manifestação de Deus para os outros, um “anjo de Deus”, e isso é tão bom... Ficamos todos a ganhar!

Hoje vou fazer uma lista de alguns desses momentos – e vou desfrutá-los com Deus!

## **3) Na pele dos homens que passam ao lado**

Há tanta gente em sofrimento ao nosso lado, em casa, nos caminhos da vida...

Porque passamos ao lado?

Em primeiro lugar porque andamos distraídos com muitas coisas – temos horários, planos, ruídos, gastamos tempo com uma quantidade de coisas, andamos com o coração alienado e apressado, e ficamos duros de coração e de mente!

Em segundo lugar porque “não aguentamos” tanto mal, algumas realidades são demais para nós.

É mais fácil não me envolver. É grande a tentação de fechar os olhos.

Deus não me pede mais do que aquilo que eu possa dar. Mas também não me pede nada menos do que possa dar... A Deus não lhe escapa o mundo das mãos!

Hoje vamos fazer uma “lista” das pessoas próximas e mais distantes

que estão caídas no caminho – e como podemos olhar, encher-nos de compaixão, sermos ousados e criativos?

#### 4) Na pele do próprio Deus

Deixar que Jesus me ensine a olhar com os seus olhos...

O Amor pode com tudo!

Onde está Deus no meio do sofrimento? Está lá!

Está connosco sempre e para sempre.

E pede-nos continuamente: *“Vai e faz tu também o mesmo!...”*



***Tão perto de mim, tão perto de mim,  
Que até eu Lhe posso tocar: Aqui está Jesus.***

*Não procuro a Cristo nas alturas,  
Nem o encontrarei na escuridão.  
Sinto que Jesus está juntinho a mim,  
Dentro do meu ser, no coração.*

*Vou contar-lhe toda a minha vida  
Como a um amigo falarei.  
Eu não sei se é Ele que habita em mim  
Ou se sou eu já que habito n'Ele.*

*Olha que Jesus vai ao teu lado  
Entre as alegrias e as dores.  
A teu lado vai sempre a caminhar  
Ele nunca te abandonará.*

## Escolher o que não pode ser tirado!

- Gn 18,1-10a «Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. E uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do
- Sl 14 (15) Senhor, escutava a sua palavra. Marta, porém, andava atarefada com muitos serviços; e,
- Ci 1,24-28 aproximando-se, disse: “Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.” O
- Lc 10,38-42 Senhor respondeu-lhe: “Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.» (Lc 10, 38-42)





Evangelho fala-nos desta dicotomia trabalho-oração; fazer-contemplar; exterioridade-interioridade. É uma lógica muito presente no trabalho, na Igreja, nas famílias e até nas férias.

Para entender esta dicotomia pensemos na seguinte situação. Dois corredores propõem-se a fazer uma ultramaratona. O primeiro leva uma mochila com água e comida, enquanto o segundo não leva absolutamente nada. No início da corrida o segundo, por estar mais leve, ganha automaticamente vantagem, mas à medida que as horas passam ele vai sentindo os efeitos da fadiga e da desidratação. Por fim acaba por desistir devido à fraqueza.

Jesus diz a Marta: *“Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária”* (Lc 1, 41-42). Este “uma só é necessária” representa a água para o corredor, o essencial que dá sentido a tudo. A razão do “fazer” que Marta tanto valoriza. Por isso, estas duas maneiras de estar não são antagónicas. A realidade de Maria, a de uma oração sem expressão na vida, sem frutos e testemunho visível, pode perder o sentido, mas a realidade de Marta, por si só, o fazer sem a força vital da oração, torna-se num gesto mecânico e vazio. Para nós, homens dos tempos pós-modernos, parece que este acreditar no espírito que nos move, na oração, é uma perda de tempo. Aliás, este tempo em que Maria fica a contemplar Jesus é já qualquer coisa de estranho.

Chego a casa sempre tão cheio de preocupações que, no intervalo do banho dos miúdos, dar-lhes jantar e deitá-los, tantas vezes me esqueço de contemplar a minha família, de me tornar agradecido. Há uma tendência em mim de adiar a “melhor parte” de que fala Jesus, pelo imediato, por ter de fazer “coisas”, o estar ocupado. Numa análise muito rápida de consciência há tantas coisas que faço e que não precisam de ser feitas: preciso de mexer no telemóvel a cada cinco minutos? Atualizar o meu estado, verificar a minha

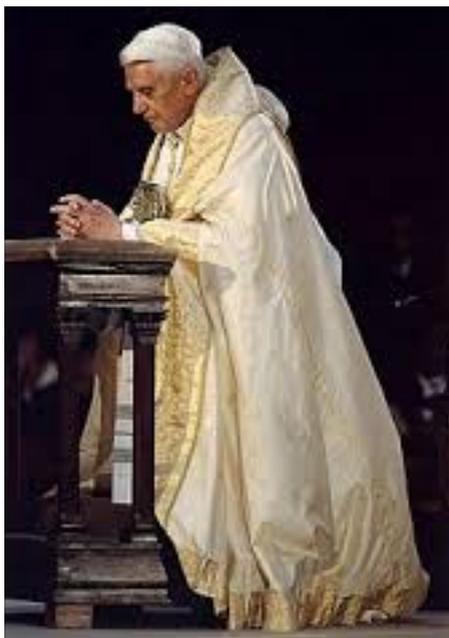
caixa? E mais o What's Up? Acabar o livro ou a série ainda hoje? Passar mais um fim de semana fora para aproveitar tudo ao máximo? Ficar tanto tempo no trabalho?

Tantas vezes o aproveitar ao máximo as férias significa não ter tempo para aproveitar nada. Todos temos esta experiência de umas férias onde não havia nada de apelativo, para além das pessoas e que acabaram por ser ótimas. Na minha família, é sempre o mesmo stress de querer ir para um sítio que tenha a melhor qualidade/preço, a quase obrigatoriedade de viajar, de estar com todos e com ninguém.

Estas férias quero dedicar mais tempo à *“parte que não pode ser tirada”* (Lc 1, 42). Criar condições objetivas para a oração e contemplação, de forma a dar um propósito às minhas férias. Quero deixar o telemóvel na mochila e ir para uma casa onde a televisão esteja desligada. Sim, e quero rezar com o Caderno de Oração deste verão!

*Sem a oração quotidiana, vivida com fidelidade, o nosso fazer esvazia-se, perde a alma profunda, reduz-se a um simples activismo que, no final, nos deixa insatisfeitos. Há uma bonita invocação da tradição cristã, a recitar antes de cada actividade, que reza assim: «Actiones nostras, quæsumus, Domine, aspirando præveni et adiuvando prosequere, ut cuncta nostra oratio et operatio a te semper incipiat, et per te coepta finiatur», ou seja: «Inspirai as nossas acções, Senhor, e acompanhai-as com a vossa ajuda, para que cada nosso falar e agir receba sempre de Vós o seu início e em Vós tenha o seu cumprimento». Cada passo da nossa vida, cada acção, inclusive da Igreja, deve ser feita diante de Deus, à luz da sua Palavra.*

(Papa Bento XVI, Audiência Geral , a 25 de Abril de 2012)



## “Senhor, ensina-me a rezar!”

- Gn 18,20-32 «Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus
- Sl 137 (138) discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.”
- Cl 2,12-14 Disse-lhes Ele: “Quando orardes, dizei:  
Pai,
- Lc 11,1-13 santificado seja o teu nome;  
venha o teu Reino;

dá-nos o nosso pão de cada dia;  
perdoa os nossos pecados,  
pois também nós perdoamos  
a todo aquele que nos ofende;  
e não nos deixes cair em tentação.”

Disse-lhes ainda: “Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer’, e se ele lhe responder lá de dentro: ‘Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar’. Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á, devido à impertinência dele, e dar-lhe-á tudo quanto precisar.”

“Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á.

Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se

lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?

Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!”» (Lc 11, 1-13)



As leituras de hoje centram-se todas na confiança em Deus. Na confiança que Ele é sempre justo, misericordioso e que, para além de sempre cumprir, supera as Suas promessas. Talvez por isso me surpreenda que não salve apenas os justos mas poupe também os mais “bandidos”, em atenção aos justos.

Inspirado também neste evangelho, peço muitas vezes: “Senhor, ensina-me a orar.” Ou, pelo menos, ajuda-me! O único problema é que a oração que Jesus nos ensina parece fácil e pequenina (lembro-me de como fiquei orgulhoso quando, em criança, aprendi e de o ter conseguido fazer rapidamente) mas é muito maior e exigente do que parece.

Santificar o Seu nome? Parece óbvio mas santificar, segundo o dicionário, significa, entre outras coisas, “tornar venerado”. **Conseguirei algum dia, com a minha vida, tornar venerado o nome de Deus?**

É bem mais fácil ter a certeza de que não tenho consciência completa do que estou a pedir quando digo “Venha o teu Reino”. Esta talvez seja mesmo uma das melhores questões para o tempo de férias, quando temos tempo para fazer uma lista destas “coisas” que fazem parte do Reino que desejamos viver.

Jesus ensinou-nos ainda a pedirmos o pão de cada dia. O problema é que nós acabamos também por pedir o prato onde colocar o pão, a mesa para pousar o prato, a casa para pôr a mesa, o carro para lá chegar e... Não paramos para discernir se temos o que precisamos ou já precisamos apenas de ter.

Pedir perdão e perdoar. Às vezes até é mais difícil a primeira! Mas Jesus não as põe num plano diferente! Isto é muito gráfico com os filhos: os pais perdoam sempre, esquecem com facilidade e estão sempre prontos para beijar e abraçar os seus filhos, aconteça o que acontecer; é o amor incondicional por aquelas criaturas que, não nos pertencendo, fazem parte de nós; mas pedir-lhes desculpa quando nos excedemos (e temos tantas boas justificações para isso), nos enganámos ou fomos injustos ou precipitados... Mexe com o nosso orgulho, põe em causa a nossa autoridade? Ou apenas os ensina a ser humildes, repetir o nosso gesto e tornar o nosso mundo mais humano?

Não nos deixes cair em tentação, Senhor! Se não fores Tu a evitá-lo, sozinho não posso... A carne é muito fraquinha... Mais uma boa lista para fazer na esplanada enquanto se saboreia uma bebida refrescante: as tentações da nossa vida, do nosso dia-a-dia.

Mas Jesus não nos ensinou apenas esta grande oração com tanto sumo para se tirar. Ensinou-nos também a sermos insistentes, a pedirmos com fé o que precisamos, a procurarmos com perseverança e a bater até a porta se abrir. Insistência e perseverança só se alimentam de muita confiança.

**E hoje, o que quero pedir? O que procuro? A que portas terei que bater?**

Muitas vezes tenho vergonha de pedir alguma coisa ao Senhor. Acho que tenho tudo e há muitos que sofrem por não terem nada, e nem penso só nos bens materiais. Aquilo que lhe peço mais vezes

é para aumentar a minha fé. Saber o que procuramos é um ponto essencial neste mundo de múltiplas solicitações e estímulos exteriores, mas é igualmente fundamental saber onde temos de procurar e quem nos pode ajudar.

Jesus termina esta lição sobre oração como só Ele sabe: tal como nós fazemos aos nossos filhos, o Pai do Céu dar-nos-á o melhor que pode – o Seu Espírito! Basta pedir...



## Tudo

*Confiança*

*O que é bonito neste mundo, e anima,*

*É ver que na vindima*

*De cada sonho*

*Fica a cepa a sonhar outra aventura...*

*E que a doçura*

*Que se não prova*

*Se transfigura*

*Numa doçura*

*Muito mais pura*

*E muito mais nova...*

(Miguel Torga)





*que aproveita ao homem todo o seu trabalho?*

Esta pergunta acompanhou-me durante muitos anos, sobretudo quando ainda não tinha filhos: “que aproveita o homem de todo o seu trabalho?” Quem beneficia de todo o meu trabalho? Tudo o que preparei, tudo o que juntei, tudo o que vivi, para quem será?... E nem era pelo dinheiro... Mas a quem aproveitaria a minha forma de viver? A minha alegria de viver? A minha fé?... Vejo agora que, em todas as fases da nossa vida, nos podemos colocar esta questão, porque isto, para mim, tem a ver com o ser feliz! Há duas semanas participei numa espécie de retiro, que falava dos desafios do meio da vida e, entre muitas coisas que nos foram ditas, uma retive particularmente: ser feliz não é a imagem que tantas vezes nos transmitem de tudo a correr bem, dias de sol lindos, campos para passear, “estado zen” permanente... ser feliz é ser fecundo! Somos verdadeiramente felizes quando somos fecundos!... E é a isto que sinto que o Senhor nos convida: a sermos profundamente felizes, porque profundamente fecundos!... E esta fecundidade concretiza-se na entrega gratuita aos outros.

Também fomos desafiados a fazer um gráfico da felicidade – eu fiz o meu desde o início do ano e fui descobrindo que era cheio de altos e baixos, mas acima de tudo descobri que, às vezes (muitas vezes), associo a felicidade a momentos e esqueço-me de olhar para a minha vida toda, para o que já vivi, o que já construí, as circunstâncias que me fizeram optar por uma coisa em vez de outra... Qual o critério que usamos para avaliar as nossas vidas?... Somos bons, bem-sucedidos porque temos um bom emprego? Um bom ordenado? Compramos muitas coisas?... Sinto muitas vezes que ainda avalio o meu sucesso pelo que tenho – pela quantidade. E muitas vezes dou por mim rendida à ideia de que só serei feliz, bem-sucedida, se for “boa” em tudo!... Mas na realidade, não há “bons em tudo”!!

Olho à minha volta e vejo tanta gente afadigada, a trabalhar que nem loucos, a tratarem-se como se fossem máquinas, sem descanso, sem parar para escolher, para discernir, a adiar sonhos, projetos à espera de uma altura melhor, de uma estabilidade financeira ou laboral... E no fim? O que recolhem dessa vida?... É verdade que o trabalho enobrece e dignifica, mas ser máquina? Querer a perfeição na execução de todas as tarefas não dignifica ninguém!... Nem nos faz felizes, muito menos fecundos...

Sinto que o Senhor nos chama cada vez mais à entrega: a entregarmo-nos ao mundo; a este mundo que gira a uma velocidade estonteante, que parece tantas vezes de pernas para o ar... a darmos sinais concretos de que somos discípulos...olhando para a minha vida, tenho experimentado que o que encontro mais parecido com o que o Senhor me diz, é ser mãe: entregarmo-nos diariamente aos filhos, amar sem limites, nas suas múltiplas concretizações diárias, olhar para eles e ver a palavra de que precisam, o gesto que lhes faz falta, apaziguar zangas, perdoar as birras e as palavras às vezes cruéis que nos são ditas, dar de comer, dormir e levantar e repetir tudo de novo, sem esperar qualquer retorno... e se alargarmos todos estes gestos aos outros? Aos que nos rodeiam – não é isso que é ser irmão, também? E ser filho?... Percebo que só vou conseguir concretizar isto se me mantiver muito mas muito ligada a Deus, com muita oração, que me ajude a permanecer, a ser fiel e a deixar que Deus me transforme desde dentro, desde o mais profundo de mim... Porque eu ainda busco o reconhecimento, ainda dou por mim à espera do elogio, ainda tenho muitas inseguranças, muitas dificuldades em avançar, talvez porque tenho na cabeça umas ideias de como deveria ser, que a maior parte das vezes me atrapalham porque me autolimitam... Há pouco tempo, ouvi uma frase, que me tem vindo a ressoar e que ainda não rezei muito, mas que partilho: “a segurança (que por vezes procuramos) vem da certeza interior de sermos profundamente amados”... Esta é a graça da Fé: acreditamos num

Deus que nos ama profundamente, apesar da nossa pequenez, da nossa insignificância, da nossa falta de confiança em nós próprios e Nele!... Que faço eu desta graça que recebo todos os dias? Que graça transmito aos outros que me rodeiam? Como te posso agradecer a Ti, Senhor, por me trazeres gravada na palma das Tuas mãos?



## Dar o que temos é pouco

*Quem apenas dá o que tem, dá sempre pouco. Cada um de nós é muito mais do que aquilo que possui. Assim, mais do que dar o que temos, devemos dar o que somos.*

*Quem dá o que é, irradia o bem da sua existência, semeia-se enquanto bondade... faz-se mais e melhor.*

*Há quem tenha tudo e não seja nada. Julgando que o seu valor está no que possui, exhibe os seus bens como se fossem condecorações... desprezando não só o que é mas, e ainda mais importante, o que poderia ser.*

*Quanto às coisas materiais, será melhor merecer o que não se tem do que ter o que não se merece... tal como é preferível ser credor do que devedor.*

*Nunca é bom depender do que não depende de nós.*

*Hoje confundem-se desejos com necessidades. Na verdade, não são sequer comparáveis, na medida em que os desejos buscam uma satisfação inalcançável. Pois assim que se sacia um desejo, logo outro, maior, toma o seu lugar. São vontades estranhas à nossa paz e capazes de alimentar contra nós uma guerra sem fim. É importante que atendamos às nossas verdadeiras carências, mas com o cuidado de afastar daí todos os desejos que querem passar por elas.*

*Vivendo com o essencial, sobrarão o suficiente para atender às privações dos outros. Mas, perguntarão alguns, não se deverá poupar para o que possamos precisar amanhã? Não. O amanhã trará mais e novas necessidades, mas, da mesma forma, também nos fará chegar mais e melhores formas de as suprir... E quem pode garantir que amanhã estará por cá?*

*Só quem confia se dá, dando tudo, porque a sua esperança é maior do que os seus medos. Só quem acredita constrói o amanhã como um tempo melhor. Fazendo do seu presente, um presente na vida dos outros.*

*Alguns dão pouco do muito que têm e, ainda assim, esperam que tudo lhes seja retribuído, de uma forma qualquer... um sorriso, um obrigado, ou até uma lembrança para muito tempo. Mas quem espera algo da esmola que dá, está a trocar, não a dar. Tem uma necessidade que não se esgotará nunca através do dinheiro ou de algo que seja material... só a atenção que se consegue de forma gratuita pode superar a fome de quem precisa de atenção.*

*Os verdadeiros sentimentos não se compram nem se trocam. Dão-se e... aceitam-se.*

*Outros dão o pouco que têm. Confiam... neles próprios e nos outros (cada um de nós), acreditam mesmo que somos bons e que os ajudaremos quando precisarem. Por isso dão, por isso se dão... por isso são bons.*

*É preciso uma coragem enorme para pedir, para receber, para aceitar e... para viver assim... confiando na vida.*

*Não é fácil dar-se. Por vezes dói. Muito. A indiferença e, tantas vezes, a maldade atingem, de forma tão precisa quanto eficaz, aqueles que de braços abertos oferecem o seu coração e o seu abraço... haverá sempre quem se sinta ofendido por, dessa forma, a sua mediocridade se tornar evidente, uma vez que ser melhor é afinal... possível.*

*É sempre bom dar, melhor ainda se for antes que alguém o peça. Afinal, queiramos ou não, chegará o dia em que tudo quanto temos terá de ser dado.*

*O que sou e posso ser depende apenas das minhas ações.*

*Existe um infinito de sonhos que se estende diante de mim... à espera de que eu seja capaz de escolher, construir e percorrer os caminhos que me levarão ao melhor de mim. Essa é a minha missão. Dar ao mundo o melhor que sou.*

*Afinal, o melhor de mim não é para mim.*

(José Luís Nunes Martins, In "Os infinitos do amor")



## É pela fé que...

Sb 18,6-9 «Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem. Foi por ela que os antigos foram aprovados.

Sl 32 (33) Pela fé, Abraão, ao ser chamado, obedeceu e partiu para um lugar que havia de receber como herança e partiu sem saber para onde ia.

Hb 11,1-2.8-19

Pela fé, estabeleceu-se como estrangeiro na Terra Prometida, habitando em tendas, tal como Isaac e Jacob, co-herdeiros da mesma

promessa, pois esperava a cidade bem alicerçada, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.

Pela fé, também Sara, apesar da sua avançada idade, recebeu a possibilidade de conceber, porque considerou fiel aquele que lho tinha prometido.

Por isso, de um só homem, e já marcado pela morte, nasceu uma multidão tão numerosa como as estrelas do céu e incontável como a areia da beira-mar.

Foi na fé que todos eles morreram, sem terem obtido os bens prometidos, mas tendo-os somente visto e saudado de longe, confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.

Ora, os que assim falam mostram que procuram uma pátria. Se eles tivessem pensado naquela que tinham deixado, teriam tido oportunidade de lá voltar; mas agora eles aspiram a uma pátria melhor, isto é, à pátria celeste. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado o «seu Deus», porque preparou para eles uma cidade.

Pela fé, Abraão, quando foi posto à prova, ofereceu Isaac, e estava preparado para oferecer o seu único filho, ele que tinha recebido as promessas.» (Hb 11, 1-17)



hegou finalmente o Verão.

Todos os anos planeamos com dedicação as nossas férias. Como se fosse o único período do ano em que podemos, sem desculpa, dar tempo ao essencial e viver o sonho no quotidiano.

Deposito toda a esperança e expetativas de uma vida “perfeita” nessas duas semanas em família. Durante o ano pensamos nos sítios onde gostaríamos de estar, atividades para cada dia, idealizamos um dia com 48h em que vamos ter tempo para cozinhar como chefes, ir à praia, fazer caminhadas e piqueniques, ver as crianças a brincar, ler todos os livros que se foram acumulando durante o ano, dormir a sesta, longos momentos de oração, talvez ainda um filme e, depois de tudo, saborear as noites quentes de verão a olhar para o céu estrelado... Ah! Tudo isto vivido numa relação de casal em completa sintonia e com crianças sempre alegres e sem birras.

As minhas férias imaginadas são todos os anos assim... até ao primeiro dia em que começam. Nesse primeiro dia dou-me conta de como é bom ter tempo para estar em família (o tempo de qualidade é um problema real!) mas somos os mesmos, claro. Trazemos quem somos, o que construímos (ou destruímos) no último ano, cada um com as suas expetativas do que espera viver, as nossas fragilidades, as nossas limitações físicas ou emocionais que condicionam, e tanto, a nossa disposição.

É claro que sou grata por este tempo de descanso, e sinto que é um privilégio que temos de aproveitar bem, mas há uma vida que se constrói todos os dias, o sonho a que somos chamados é no dia-a-dia que se concretiza. O Senhor chama-nos à santidade (isto é, a uma vida sagrada e plena) naquilo que estivermos a viver, seja o que for. A leitura de Hebreus abre-nos para o mistério da fé, é esta

Fé grande que nos move para aquilo que queremos viver, seja qual for a circunstância. Esta leitura parece ser uma “cábula” daquelas para termos num post-it, bem visível, para não nos esquecermos do que a fé é capaz de fazer. Chama-nos a fazer memória de uma história que se concretizou em pequenos e grandes passos de fé, por cima do abismo do desconhecido.

Pela fé, Abraão *“partiu sem saber para onde ia” e “estabeleceu-se como estrangeiro na Terra Prometida”*

Pela fé, Sara *“recebeu a possibilidade de conceber”*

Pela fé, Abraão *“estava preparado para oferecer o seu único filho”*

Pela fé, *“de um só homem nasceu uma multidão tão numerosa como as estrelas do céu e incontável como a areia da beira-mar”*

*E “foi na fé que todos eles morreram, sem terem obtido os bens prometidos, mas tendo-os somente visto e saudado de longe, confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra”*

E é assim Senhor que me chamas a viver, na certeza de que é nesta terra (=no meu contexto) que me converto à santidade, que entro na profundidade do teu mistério, mas com a certeza de que este é um caminho, que sou peregrina para uma terra prometida.

*“A fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem”* Hb 11, 1

Senhor, sinto o teu apelo a ir a um nível mais profundo, a aproveitar estas férias com serenidade, sem pressas de cumprir planos, de viver o descanso num estado de profunda gratidão. Comprometo-me nesta oração a viver estas férias na convicção de que a Tua Vontade se revela numa mente e num corpo descansado, só assim aberto a Ti e aos outros. Ajuda-me a repousar em Ti.

*Se a fé cristã é uma oferta vinda do lado do Absoluto, o papel dos seres humanos é essencialmente de acolher este convite e de lhe responder. Não lhes compete a eles definir-lhe os contornos. E se Deus chama através de Cristo para uma partilha de vida, para uma comunhão, este convite dirige-se então à dimensão mais pessoal do ser humano, procurando despertar nele uma liberdade. Além disso, a mensagem cristã é uma oferenda em ato, ou seja um convite real e não teórico. Tal como Jesus transmitiu o essencial da sua mensagem através da sua vida dada até à morte numa cruz, o discípulo faz da sua existência a mensagem a transmitir.*

In Cadernos de Taizé 3 (irmão John)



## Uma Fé coerente

Jr 38,4-6.8-10 «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateadado!

Sl 39 (40) Tenho de receber um baptismo, e que angústias as minhas até que ele se realize!

Hb 12,1-4 Julgais que Eu vim estabelecer a paz na Terra? Não, Eu vo-lo digo, mas antes a divisão.

Lc 12,49-53 Porque, daqui por diante, estarão cinco divididos numa só casa: três contra dois e dois contra três; vão dividir-se: o pai contra o filho e o filho contra o pai, a mãe contra a filha e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.»

(Lc 12,49-53)



Uf! ... Ao ler o Evangelho deste Domingo, a primeira coisa que me ocorre é rasgar a página e deitá-la para o cesto dos papéis, talvez ainda servisse para reciclar, mas para rezar... custar-me, é difícil, quase impossível de entender. Não sei, sequer, se a quero entender, ou se a quero crer e tão-pouco sei se a quero viver.

Mas se está nos evangelhos, não serei eu quem a possa ignorar, e talvez se a orar, se escutar o que Jesus me quer dizer através dela, me seja, então, mais fácil compreendê-la.

Jesus, diz-me! Que significa, que me queres dizer, que preciso eu de saber através desta leitura? *“Pensais que vim para trazer a paz à terra? Não, antes a divisão”?* (Lc 12,51) Crer nisto é exigente, é não enveredar por meias tintas, é definires-te pela Verdade, custe o que custar, e o que realmente custa mais é a divisão e, acima de todas, quando é entre membros da mesma família, como diz o texto.

Sinto que Deus quer fazer uma chamada de atenção à minha fé, quase diria que me quer pôr à prova, a fé exige coerência e pede que se eleja Deus como critério de vida. Quando Jesus me diz que quer trazer divisão e não paz, seguramente diz-me que a Sua Paz não é a qualquer preço, não é uma paz passiva, de tómulos, de mortos, é a Paz que vem de eleger o Bem, a Verdade, a Justiça, a Bondade. Uma paz que não está isenta de definição, de sacrifício, de sair de si mesmo, de olhar com generosidade, de amar com um grande coração e isto é o que, às vezes, comporta violência, divisão, separação. O primeiro com quem se tem de lutar é consigo mesmo, com os próprios sentimentos, desejos, comodidades e, também, com os demais, que não entendem os critérios e valores de Deus e que, muitas vezes, nos chamam tontos por sermos bons, ou ingênuos, por sermos verdadeiros, ou simplistas por sermos pacíficos. Essa é a guerra que, hoje, percebo neste texto, não uma guerra provocada pelo egoísmo e pelas injustiças, senão uma

guerra direcionada contra tudo o que possa ir contra os valores do Evangelho.

Estes são os critérios da Fé, a Fé não é um adorno, não é uma luz intermitente que se apaga e acende, consoante nos pareça melhor, não é um verniz religioso, é um estado de vida que há que manter e que nos fará escolher, a cada dia, obedecer ao próprio eu, ou obedecer a Deus; viver para si mesmos, ou viver para Deus e para os demais: fazer-se servir, ou servir.

Creio que tenho de agradecer o ter orado sobre este Evangelho de hoje, entendo-o de outra forma, dou-me conta de que viver a Fé com autenticidade, por vezes, divide, inclusivamente, nas relações mais próximas.

Este Evangelho falou-me de valentia, de coerência, de coragem e de uma fé forte, que deve estar acima de tudo e de todos, custe o que custar.



## Vou de férias, com Maria no coração

Ap 11,19a; 12,1-6.10 «Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias

Sl 44 (45) e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de

1 Cor 15,20-27 alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou:

Lc 1,39-56 “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois,

logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.” Maria disse, então:

“A minha alma glorifica o Senhor

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.

De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-poderoso fez em mim maravilhas.

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,  
como tinha prometido a nossos pais,  
a Abraão e à sua descendência, para sempre.”

Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa.» (Lc 1, 39-56)



A festa da Assunção de Nossa Senhora, como todas as manifestações do culto mariano, está muito enraizada na cultura portuguesa. A sua instituição data de 1950, quando Pio XII, através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, proclama aquele que foi o último dogma mariano, o da elevação de Nossa Senhora ao Céu, assente numa tradição que remonta ao século V/VI, quando se popularizou a ideia de que Tomé teria encontrado vazio o túmulo de Maria. Em Portugal, este dia é feriado desde 1952 e, tal como noutros países de tradição católica, ortodoxa e na igreja anglicana, é um dia de louvor e devoção a Maria. É um dia santo, mas também um dia de descanso, localizado mais ou menos a meio das férias estivais. Em muitas comunidades de Portugal, sobretudo nas mais marcadas pela emigração, é o ponto alto do reencontro familiar, o momento de festejar com a família e os amigos, muito marcado, de norte a sul, por manifestações de piedade popular, ricas em tradições e religiosidade, aspetos que, como tem referido o Papa Francisco em várias ocasiões, são uma expressão importante da cultura e da fé, um património a valorizar e a não desprezar.

Muitas vezes, é nestes momentos (procissões, romarias) que cada um se confronta com as suas raízes, reforça a sua identidade cristã, agradece tudo de bom que lhe aconteceu durante o ano e ganha fôlego para um novo ano de trabalho. Na minha família, agosto é

também um mês de reencontro com os que estão fora, de festa, momentos em que somos nós próprios, despidos das preocupações e das “fardas” do trabalho. Criam-se memórias de partilha, de alegria, de reunião, que perduram e dão frutos de geração em geração. No fundo, celebra-se a família, com todas as suas diferenças e, até, diferendos. Criam-se raízes, aprendemos de que chão somos e procuramos sair fortalecidos para um novo ano.

E quem é Maria, para mim, neste contexto, neste dia de festejos? Maria é a figura maternal que me ajuda a acreditar que, apesar de saber que somos todos filhos de Deus, somos mesmo irmãos. Sim, com Maria somos todos irmãos. Sinto muitas vezes que, sem a sua figura maternal, sem o seu sofrimento de mãe, seria mais difícil relacionarmo-nos com Jesus e com Deus, que Maria nos dá sempre colo, e nos “sussurra ao ouvido” o conselho de que precisamos. Será que consigo também, neste dia, rezar com Maria, olhar os outros como irmãos, fazer um balanço da minha atitude para com eles? Olhar Maria como modelo de paciência, aquela que escuta, que guarda no coração, mas que também aconselha, que incentivou Jesus a agir, nas Bodas de Canaã. Maria que se pôs a caminho para ajudar Isabel e que agradeceu com fervor a intervenção de Deus na sua vida, apesar da surpresa, e quem sabe se já a pressentir dificuldades e sofrimentos.

Nas minhas orações de mãe (e de filha) é esta a Maria que interpelo (e de quem, muitas vezes, me socorro) para encontrar força e inspiração para fazer o que posso e para deixar o que não posso fazer nas mãos de Deus. Maria, como todos nós – pais – sabia que os filhos não são propriedade nossa...

E a meio do verão, neste dia a Ela dedicado, é um bom desafio repensarmos com que Paz vamos recomeçar o novo ano (letivo, de trabalho, de apoio à família). Com a calma, serenidade e discernimento que Maria nos ensina? Ou com grande agitação, a ralhar, a impor?

Este pode, pois, ser um momento de balanço, para pensarmos na nossa família, nos que estão próximos do nosso coração, das nossas preocupações e orações, mas muitas vezes fisicamente longe durante o ano.

Como vou, então, viver a minha vida cristã no próximo ano? Sei que não consigo controlar tudo, mudar tudo, mas mudar um bocadinho decerto será possível. Vou rezar mais? Fazer um retiro? Estar mais presente, de corpo e alma, na eucaristia? Participar num projeto de voluntariado ou dar algum tempo na minha paróquia? Há tanto por onde escolher, e todos temos dons que podemos por ao serviço dos outros. Com a ajuda de Maria, claro. Por isso, vamos de férias, mas com Maria no coração!

## Consagração a Nossa Senhora

*Ó Senhora minha, ó minha Mãe,  
eu me ofereço todo(a) a vós,  
e em prova da minha devoção para convosco,  
Vos consagro neste dia e para sempre,  
os meus olhos, os meus ouvidos,  
a minha boca, o meu coração e inteiramente todo o meu ser.  
E porque assim sou vosso(a),  
ó incomparável Mãe,  
guardai-me e defendei-me como propriedade vossa.  
Lembrai-vos que vos pertence, terna Mãe, Senhora nossa.  
Ah, guardai-me e defendei-me como coisa própria vossa.*



## Palavras de Vida

Is 66,18-21 «Eu conheço as suas obras e os seus planos. Colocarei no meio deles um sinal; enviarei alguns dos seus sobreviventes às nações: a Társis, a Pul e a Lud, especialistas do arco, a Tubal, à Grécia e às ilhas longínquas, que nunca ouviram falar de mim, nem viram a minha glória. Eles revelarão a minha glória a estas nações. E de todos estes países trarão os vossos irmãos, como se se tratasse de uma oferenda ao Senhor. Virão a cavalo, em carros, em liteiras, em mulos e em camelos, até ao meu monte santo de Jerusalém – diz o Senhor – tal como os filhos de Israel trazem as suas oferendas em vasos puros à casa do Senhor. Escolherei de entre eles sacerdotes e levitas – diz o Senhor.» (Is 66, 18-21)

«Esqueceste a exortação que vos é dirigida como a filhos: Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, e não desanimes quando és repreendido por Ele, porque o Senhor corrige os que ama e castiga todo o que reconhece como filho. É para vossa correção que sofreis. Deus trata-vos como filhos; e qual é o filho a quem o pai não corrige? É certo que toda a correção, no momento em que é aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; mais tarde, porém, produz um fruto de paz e de justiça nos que foram exercitados por ela. Por isso, levantai as vossas mãos fatigadas e os vossos joelhos enfraquecidos, fazei caminhos retos para os vossos pés, para que o coxo não coxeie mais, mas seja curado.» (Hb. 12, 5-7. 11-13)

«Jesus percorria cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém. Disse-lhe alguém: “Senhor, são poucos os que se salvam?” Ele respondeu-lhes: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir. Uma vez que o dono da casa se levante e feche a porta, ficareis fora e batedeis, dizendo: ‘Abre-nos, Senhor!’ Mas ele há de responder-vos: ‘Não sei de onde sois.’ Começareis, então, a dizer: ‘Comemos e bebemos contigo e Tu ensinaste nas nossas praças.’ Responder-vos-á: ‘Repito-vos que não sei de onde sois. Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade.’ Lá haverá pranto e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacob e todos os profetas no Reino de Deus, e vós a serdes postos fora. Hão de vir do Oriente, do Ocidente, do Norte e do Sul, sentar-se à mesa no Reino de Deus. E há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos”.» (Lc. 13, 22-30)





Disse-lhe alguém: *“Senhor, são poucos os que se salvam?”*

Esta pergunta é tão atual. E fala do desejo e da necessidade mais profunda que há no meu coração: **Paz e felicidade**. É bom sentir, Senhor, que tu escutas a minha pergunta, e é bom sentir que ouves o que acontece profundamente no meu coração. As leituras do dia de hoje são um convite para partilhar contigo sobre isso.

*“Senhor, são poucos os que se salvam?”* O profeta Isaías escreve, sobre o final do exílio, que quando os judeus deportados voltam a Jerusalém, eles voltam felizes. Mas a sua alegria fica desiludida, pois encontra imensas dificuldades: pouco acolhimento, discussões sobre terras, a cidade e o templo estão em construção... aqueles que se casaram com mulheres estrangeiras são muito mal vistos. No meio disso tudo, há um anúncio de esperança. É muito importante descobrir que esta realidade, que viveu o povo de Israel, é uma realidade que nós conhecemos e que continuamente estamos a viver.

Disse o Papa Francisco: *“(...) palavras e ações hão de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação. Por isso, queria convidar todas as pessoas de boa vontade a redescobrirem o poder que a misericórdia tem de curar as relações dilaceradas e restaurar a paz e a harmonia entre as famílias e nas comunidades. Todos nós sabemos como velhas feridas e prolongados ressentimentos podem aprisionar as pessoas, impedindo-as de comunicar e reconciliar-se. E isto aplica-se também às relações entre os povos. Em todos estes casos, a misericórdia é capaz de implementar um novo modo de falar e*

**dialogar, como se exprimiu muito eloquentemente”** (Mensagem do Papa Francisco para o Dia das Comunicações).

Estamos convidados a ser sinais de esperança, de misericórdia. Como diz a carta aos Hebreus: *“levantar as mãos fatigadas e os joelhos enfraquecidos, fazer caminhos retos para os pés, para que o coxo não coxeie mais, mas seja curado.”* Isso leva-nos a fazer um esforço contínuo, a um aprender e desaprender a amar e, com tudo isto, ser rosto da misericórdia de Deus. Isto é verdadeiramente desafiante: é essa *“porta estreita, por que muitos tentarão entrar sem o conseguir”*, como diz Jesus no Evangelho. É uma porta estreita porque a paz e a felicidade não são magia: são um Amor e uma vida que se constrói dia após dia, e para isso é preciso o diálogo, o encontro com outro. Às vezes, os diálogos e os encontros não acontecem porque temos tanta pressa, ou porque são tantas as coisas que estamos a fazer que perdemos de vista o essencial das nossas vidas. Outras vezes, é porque as situações são tão difíceis que o medo nos impede de continuar e seguir para a frente.

*“Senhor, são poucos os que se salvam?”* Senhor são poucos os que conseguem entrar por esta porta? São poucos os que se arriscam a amar? Que possa ouvir o teu convite, que possa hoje descobrir o que diz o Salmo: O teu amor e a tua fidelidade são fortes e duram para sempre. És a nossa força, renovas cada dia o teu amor por nós. E é precisamente na dificuldade onde podemos descobrir a existência contínua do Teu Amor.

*O Papa convidou todos a fazer a seguinte pergunta: “É verdade que nas várias situações e circunstâncias da vida temos em nós os mesmos sentimentos de Jesus? Por exemplo, quando sofremos uma injustiça ou uma afronta, conseguimos reagir sem ressentimento e perdoar de coração a quem nos pede desculpa?”*

## Vida segundo o Evangelho

*Francisco diz ainda que a voz de João Batista grita ainda nos desertos atuais da humanidade, que são as mentes fechadas e os corações endurecidos e leva a perguntar se efetivamente as pessoas estão percorrendo o caminho justo, vivendo uma vida segundo o Evangelho.*

*“Hoje, como naquele tempo, ele nos adverte com as palavras do Profeta Isaías: ‘Preparem o caminho do Senhor’”, disse o Papa acrescentando que é um convite urgente abrir o coração e acolher a salvação que Deus oferece incessantemente, quase com teimosia.*

*“Porque nos quer livres da escravidão do pecado. Mas o texto do profeta dilata aquela voz, preanunciando que todo homem verá a salvação de Deus. A salvação é oferecida a toda pessoa, a todo povo, ninguém está excluído. Nenhum de nós pode dizer: Eu sou santo, sou perfeito, já estou salvo. Devemos sempre receber esta oferta da salvação. É para isso o Ano da Misericórdia: para caminhar nesta estrada da salvação, estrada que Jesus nos ensinou. Deus quer que todos os homens sejam salvos por meio de Jesus Cristo, único mediador.”*

*Segundo o Papa, cada um de nós é chamado a anunciar Jesus aos que ainda não o conhecem. Isso não é proselitismo. É abrir uma porta. Ai daquele que não anunciar o Evangelho.*

*“Se o Senhor Jesus mudou a nossa, como não sentir o desejo de anunciá-lo a quem encontramos no trabalho, na escola, no bairro, no hospital, nos lugares de encontro? Se olhamos ao nosso redor, encontramos pessoas que estão dispostas a começar ou a recomeçar um caminho de fé, se encontram cristãos apaixonados por Jesus.”*

*Francisco convidou todos a se questionarem: “Sou apaixonado por Jesus? Estou convencido de que Jesus me oferece e me dá a salvação?”*

*“Se sou apaixonado devo anunciá-Lo, mas temos de ser corajosos e baixar as montanhas do orgulho e da rivalidade, encher os poços cavados pela indiferença e apatia, endireitar os caminhos de nossas preguiças e de nossos compromissos.”*

*Francisco concluiu pedindo à Virgem Maria para que ajude todos a quebrar as barreiras e os obstáculos que impedem a conversão e o caminho rumo ao Senhor. “Só Ele pode realizar todas as esperanças do ser humano”.*



## Hoje, faz festa!

Sir 3,19-21.30-  
31

Sl 67 (68)

Hb 12,18-  
19.22-24

Lc 14,1.7-14

«Naquele tempo, Jesus entrou, a um sábado, em casa de um dos principais fariseus para tomar uma refeição. Todos O observavam. Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus disse-lhes esta parábola: “Quando fores convidado para um banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá que te dizer:

‘Dá o lugar a este’; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: ‘Amigo, sobre mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. Jesus disse ainda a quem O tinha convidado:

“Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído. Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te: ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”.» (Lc 14, 1.7-14)



Hoje, quando me deparei com este Evangelho, percebi que Jesus me convidava a fazer como Ele e logo me surgiram algumas questões.

Com quem se senta Jesus à mesa? Com um fariseu, um homem que amava e queria fazer cumprir a Lei e se esquecia do amor e misericórdia para com os outros. Contudo, Jesus viveu aquele “banquete” com ele. Juntos estiveram num espaço de encontro fraterno, comeram o mesmo alimento e estabeleceram laços de comunhão e fraternidade.

Connosco, Jesus também se senta à mesa. Ele quer fazer festa e não se importa que sejamos cegos, coxos e sem capacidade de retribuir da mesma forma.

Quantas vezes, te sentaste, à mesma mesa de Jesus, porque Ele te convidou para o “banquete”?

E tu? Quando fazes uma festa, quem convidas?

Na nossa sociedade, o valor da pessoa mede-se pelo seu êxito, pelo poder... Os vencedores são aqueles que exercem altos cargos, têm prémios de eficácia, andam mais depressa - mesmo que isso possa atropelar alguém que se cruze no caminho. Os outros são os vencidos, os incapazes, gente comum, não esforçada e sem interesse; Também sem qualquer interesse são os sem-teto, os sem-abrigo, os sem... O que interessa é a ambição e o poder.

Jesus, pelo contrário, não se interessa minimamente pelos títulos honoríficos nem pelo comércio e seus critérios. Ele sabe que a ambição e o orgulho impedem a chegada do “Reino”, onde a lógica é desenvolver e cultivar a humildade, a simplicidade, o amor gratuito.

Jesus convida-nos sempre para a festa do “Reino”, ao mesmo tempo que nos diz para fazermos o mesmo e nos explica quem convidar para o banquete.

No meu dia-a-dia apressado e cansativo, há tantos banquetes que vou adiando porque não sou capaz de concretizar... Faltam-me as forças, acomodo-me às rotinas, ao cansaço, e fico por aí. Há também festas que vou realizando, mas engano-me nos convidados, pois não escuto Deus e, lá no fundo, espero realmente uma qualquer retribuição.

Contudo, Jesus continua a querer que eu faça a festa e quer festejar comigo. Ele gosta da festa, da alegria, da comunhão. Jesus gosta de partilhar, de rir comigo e contigo também!

Quantas vezes, aquela Eucaristia em que estivemos todos a celebrar, aquela oração partilhada, aquela conversa em família ou entre amigos, aquele encontro com uns desconhecidos, aquela atenção especial àquele grupo de jovens, aquele desabafo que o arrumador quis ter contigo... foi o melhor do dia?

Esta é a festa que Jesus nos convida a fazer com Ele e com os outros meus irmãos.

Os primeiros convidados do “Reino” são os coxos, os cegos, os pobres, os pecadores e todos aqueles que vivem nas margens de uma sociedade que se esquece do significado de humildade, fraternidade, comunhão, proximidade e familiaridade.

Jesus quer que sejas tu a fazer os convites para a festa. Faz do Evangelho carne e viverás a festa do “Reino”.

Hoje, faz a festa e, se quiseres, conta comigo!

## À Tua Mesa! À nossa mesa!

*Ricos? Pobres? Bons? Maus?  
Casados? Celibatários? Divorciados? Recasados?  
Judeus? Muçulmanos? Cristãos? Palestinos? Israelitas?*

*Senhor meu, Deus VIVO, provocador !  
Convidas uns que não vêm e depois mandas buscar os  
improváveis que... vêm!*

*E eis um corrupio de estranhados e incrédulos,  
de doentes das mais variadas lepras...  
Vêm dos becos mal afamados, das vielas sujas,  
dos lugares do escondimento, das vidas fora da norma...  
Mostram-se, a medo, saídos de trás dos muros da separação...  
Têm fome e sede...  
**E Tu, à Tua Mesa, não queres lugares vazios...***

*Senhor meu, Deus VIVO, Pai/Mãe de coração ajuizado.  
Qual é o pai, qual é a mãe que, no seu perfeito juízo chame os  
filhos ao Banquete  
e, na hora de lhes pôr a Mesa, sacie só alguns e mande os  
outros embora,  
com água a crescer na boca e o coração faminto a perguntar  
porquê?*

***Na Tua Mesa há, para TODOS, pedaços de Pão e de Palavra...***

*Senhor meu, Deus VIVO, Deus sempre em cuidado.  
Só o Cuidado é incapaz de deixar do lado de fora da porta  
alguém em sofrimento...*

*O Cuidado manda entrar e vive em compaixão...*

***Na soleira da Tua porta há sempre toalha branca e água fresca...***

*Amo-Te, Deus, que à Misericórdia chamas Proximidade.  
E num Filho, Homem como nós e Bom como Tu,  
todas as distâncias entre Ti e nós foram vencidas...  
Amo-Te, Deus, porque o Amor é o Teu lado  
de onde TODOS nascemos Teus Filhos...  
Bem Amados. TODOS!*

*TODOS, mesmo?! E... SEMPRE?  
Mesmo quanto dizemos amar-Te a Ti que não vemos  
e não somos capazes de amar os Homem em que  
tropeçamos?*

*E quando nos calamos à injustiça e damos corpo ao desamor?*

*E também quando, investidos de autoridade,  
as escolhas que fazemos  
e as decisões que tomamos  
empobrecem, matam, perseguem, são causa de sofrimento  
seja de um só homem, seja de milhões?  
Mesmo esses? Mesmo assim?*

*TUDO em Ti é proVocação! Da Palavra ao Gesto.  
Desestabilizador.*

*Mas certo!  
Palavra e Gesto a des-alinhar a Vida,  
a escrever torto nas nossas linhas tão direitas...*

*Quero amar--Te ASSIM MESMO, Deus, Vivo e proVOCADOR!  
e... aprender de Ti,  
Amen!"*

(Publicado, no Blogue "Derrotar montanhas",  
por Glória Marques em 02 de outubro de 2014)

## parte II Textos da Igreja

## Jubileu dos Doentes e das Pessoas Portadoras de Deficiência

Homilia do Papa Francisco na Praça de São Pedro  
Domingo, 12 de Junho de 2016

«Estou crucificado com Cristo; já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 19). O apóstolo Paulo usa palavras muito fortes para expressar o mistério da vida cristã: tudo se resume ao *dinamismo pascal* de morte e ressurreição recebido no Batismo. De facto cada um, pela imersão na água, é como se tivesse morrido e fosse sepultado com Cristo (cf. Rm 6, 3-4), e quando reemerge dela, manifesta a vida nova no Espírito Santo. Esta condição de renascidos envolve a vida inteira, em todos os seus aspetos; também a doença, o sofrimento e a morte ficam inseridos *em* Cristo, encontrando n'Ele o seu sentido último. No dia de hoje, jornada jubilar dedicada a todos aqueles que carregam os sinais da doença e da deficiência, esta Palavra de vida tem uma ressonância especial na nossa assembleia.

Na realidade todos nós, mais cedo ou mais tarde, somos chamados a encarar e, às vezes, a lutar contra as fragilidades e as doenças, nossas e alheias. E como são diferentes os rostos com que se apresentam estas experiências, tão típica e dramaticamente humanas! Mas sempre nos colocam, de forma mais aguda e premente, a questão do sentido da vida. Perante isso, no nosso íntimo, pode algumas vezes sobrevir uma atitude cínica, como se fosse possível resolver tudo suportando ou contando apenas com as próprias forças; outras vezes, pelo contrário, coloca-se toda a confiança nas descobertas da ciência, pensando que certamente deverá haver, nalgum lugar da terra, um remédio capaz de curar a doença. Infelizmente não é assim; e ainda que existisse tal remédio, seria acessível a muito poucas pessoas.

A natureza humana, ferida pelo pecado, traz inscrita em si mesma a *realidade da limitação*. Conhecemos a objeção que se levanta, sobretudo nestes tempos, à vista duma vida marcada por graves limitações físicas; considera-se que é impossível ser feliz uma pessoa enferma ou deficiente, porque incapaz de realizar o estilo de vida imposto pela cultura do prazer e da diversão. Num tempo como o nosso, em que o cuidado do corpo se tornou um mito de massa e conseqüentemente um negócio, aquilo que é imperfeito deve ser ocultado, porque atenta contra a felicidade e a serenidade



dos privilegiados e põe em crise o modelo dominante. É melhor manter tais pessoas segregadas em qualquer «recinto» – eventualmente dourado – ou em «reservas» criadas por um compassivo assistencialismo, para não estorvar o ritmo dum bem-estar falso. Por vezes chega-se a sustentar que é melhor desembaraçar-se o mais rapidamente possível de tais pessoas,

porque se tornam um encargo financeiro insuportável em tempos de crise. Na realidade, porém, como é grande a ilusão em que vive o homem de hoje, quando fecha os olhos à enfermidade e à deficiência! Não compreende o verdadeiro sentido da vida, que inclui também a aceitação do sofrimento e da limitação. O mundo não se torna melhor quando se compõe apenas de pessoas aparentemente «perfeitas» (para não dizer «maquilhadas»), mas quando crescem a solidariedade, a mútua aceitação e o respeito entre os seres humanos. Como são verdadeiras as palavras do Apóstolo: «O que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte» (1 Cor 1, 27)!

O Evangelho deste domingo (Lc 7, 36 – 8, 3) apresenta também uma situação particular de fraqueza. A mulher pecadora é julgada e marginalizada pelos circunstantes, mas Jesus acolhe-a e defende-a «porque muito amou» (v. 47). Tal é a conclusão de Jesus, atento como está ao sofrimento e às lágrimas daquela pessoa. A sua ternura é sinal do amor que Deus reserva àqueles que sofrem e são excluídos. Não existe apenas o sofrimento físico; entre as patologias mais frequentes nos dias de hoje conta-se uma que tem a ver precisamente com o espírito: é um sofrimento que envolve a alma tornando-a triste, porque carente de amor. A patologia da tristeza. Quando se experimenta a decepção ou a traição nas relações importantes, então descobrimo-nos vulneráveis, fracos e sem defesas. Consequentemente torna-se muito forte a tentação de se fechar em si mesmo e corre-se o risco de perder a ocasião da vida: *amar apesar de tudo*. Amar apesar de tudo.

Aliás, a felicidade que deseja cada um pode exprimir-se de muitos modos, mas só é possível alcançá-la se se for capaz de amar. Esta é a estrada. É sempre uma questão de amor, não há outra estrada. O verdadeiro desafio é o de quem ama mais. Quantas pessoas com deficiência e enfermas se reabrem à vida, logo que descobrem que são amadas! E quão grande amor pode brotar dum coração, mesmo

só através dum sorriso! A terapia do sorriso. Então a própria fragilidade pode tornar-se conforto e apoio para a nossa solidão. Jesus, na sua paixão, amou-nos até ao fim (cf. Jo 13, 1); na cruz, revelou o Amor que se dá sem limites. Que poderíamos nós censurar a Deus, nas nossas enfermidades e tribulações, que não esteja já impresso no rosto do seu Filho crucificado? Ao seu sofrimento físico, juntam-se a zombaria, a marginalização e a lástima, enquanto Ele responde com a misericórdia que a todos acolhe e perdoa: «*fomos curados pelas suas chagas*» (Is 53, 5; 1 Ped 2, 24). Jesus é o médico que cura com o remédio do amor, porque toma sobre Si o nosso sofrimento e redime-o. Sabemos que Deus pode compreender as nossas enfermidades, porque Ele mesmo foi pessoalmente provado por elas (cf. Heb 4, 15).

O modo como vivemos a doença e a deficiência é indicação do amor que estamos dispostos a oferecer. A forma como enfrentamos o sofrimento e a limitação é critério da nossa liberdade em dar sentido às experiências da vida, mesmo quando nos parecem absurdas e não merecidas. Por isso, não nos deixemos turbar por estas tribulações (cf. 1 Ts 3, 3). Sabemos que, na fraqueza, podemos tornar-nos fortes (cf. 2 Cor 12, 10) e receber a graça de completar em nós o que falta dos sofrimentos de Cristo em favor do seu corpo, que é a Igreja (cf. Col 1, 24); um corpo que, à imagem do corpo do Senhor ressuscitado, conserva as chagas, sinal da dura luta que trava, mas chagas transfiguradas para sempre pelo amor.

## Audiência Geral - Papa Francisco

### Quarta-feira, 19 de Agosto de 2015

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter reflectido sobre o valor da festa na vida da família, hoje meditemos sobre o elemento complementar, que é o trabalho. Ambos fazem parte do desígnio criador de Deus, a festa e o trabalho.

O trabalho, diz-se normalmente, é necessário para manter a família, criar os filhos, garantir aos próprios entes queridos uma vida digna. De uma pessoa séria, honesta, o que de mais bonito se possa dizer é: «É um trabalhador», precisamente uma pessoa que trabalha, que na comunidade não vive às custas dos outros. Há muitos argentinos aqui, vejo-vos, e direi como dizemos nós: «No vive de arriba».

Com efeito, o trabalho nas suas mil formas, a partir daquele doméstico, cuida também do bem comum. E onde se aprende este estilo de vida laboriosa? Antes de mais aprende-se em família. A família educa para o trabalho com o exemplo dos pais: pai e mãe que trabalham para o bem da família e da sociedade.

No Evangelho, a Sagrada Família de Nazaré aparece como uma família de trabalhadores, e o próprio Jesus é chamado «filho do carpinteiro» (cf. Mt 13, 55) ou até «o carpinteiro» (cf. Mc 6, 3). São Paulo não deixa de advertir os cristãos: «Quem não quiser trabalhar, não tem o direito de comer» (2 Ts 3, 10). Esta é uma boa receita para emagrecer, não trabalhas, não comes! O apóstolo refere-se explicitamente ao falso espiritualismo de alguns que, de facto, vivem às custas dos seus irmãos e irmãs «ocupando-se de futilidades» (2 Ts 3, 11). O compromisso do trabalho e a vida do espírito, na concepção cristã, não estão absolutamente em contraste entre si. É muito importante entender isto! Oração e

são Bento. A falta de trabalho prejudica também o espírito, assim como a falta de oração deteriora inclusive a actividade prática.

Trabalhar — repito, nas suas mil formas — é próprio da pessoa humana. Exprime a sua dignidade de ter sido criada à imagem de Deus. Por isso, diz-se que o trabalho é sagrado. E portanto a gestão do emprego é uma grande responsabilidade humana e social, que não pode ser deixada nas mãos de poucos nem acabar num «mercado» divinizado. Causar uma perda de lugares de trabalho significa provocar um grave dano social. Entristeço-me quando vejo que há pessoas sem trabalho, que não encontram emprego e não têm a dignidade de levar o pão para casa. Alegro-me muito quando vejo que os governantes fazem grandes esforços para criar postos de trabalho a fim de que todos o tenham. Ele é sagrado, confere dignidade à família. Devemos rezar para que não falte trabalho na família.

Por conseguinte, também o trabalho, como a festa, faz parte do desígnio de Deus Criador. No livro do Génesis, o tema da terra como casa-jardim, confiada aos cuidados e ao trabalho do homem (cf. 2, 8.15), é antecipado com um trecho muito comovedor: «Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus, não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para a cultivar. Mas da terra elevava-se um vapor que regava toda a superfície» (2, 5-6). Não é romantismo, é revelação de Deus; e nós temos a responsabilidade de a compreender e assimilar até ao fundo. A Encíclica *Laudato sí'*, que propõe uma ecologia integral, contém também esta mensagem: a beleza da terra e a dignidade do trabalho existem para estar juntas. Caminham juntas: a terra torna-se bonita quando é trabalhada pelo homem. Quando o trabalho se afasta da aliança de Deus com o homem e a mulher, quando se separa das suas qualidades espirituais, quando é refém só da lógica do lucro e despreza os afectos da vida, o aviltamento da alma contamina tudo: inclusive o

ar, a água, as ervas, os alimentos... A vida civil corrompe-se e o habitat deteriora-se. E as consequências atingem sobretudo os mais pobres e as famílias mais pobres. A moderna organização do trabalho às vezes mostra uma perigosa tendência a considerar a família como um obstáculo, um peso, uma passividade, para a produtividade do trabalho. Mas esquecemo-nos: qual produtividade? E para quem? A chamada «cidade inteligente» sem dúvida é rica de serviços e organização; contudo, por exemplo, com frequência é hostil a crianças e idosos.

Às vezes quem projecta está interessado na gestão da força de trabalho individual, para montar e utilizar ou descartar de acordo com a conveniência económica. A família é um grande teste. Quando a organização do trabalho a mantém refém, ou até lhe impede o caminho, então estamos certos de que a sociedade humana começou a agir contra si mesma!

As famílias cristãs recebem desta conjuntura um grande desafio e uma grande missão. Elas apresentam os fundamentos da criação de Deus: a identidade e o vínculo do homem e da mulher, a geração dos filhos, o trabalho que torna a terra doméstica e habitável. A perda desses fundamentos é um problema muito sério, e já temos demasiadas fendas na casa comum! A tarefa não é fácil. Às vezes as associações de famílias podem ter a impressão de ser como David diante de Golias... mas sabemos como se concluiu aquele desafio! São necessárias fé e astúcia. Deus nos conceda receber com alegria e esperança a sua chamada, neste momento difícil da nossa história, a chamada ao trabalho para dar dignidade a nós mesmos e à própria família.



## Para uma nova ética do trabalho

Não faz qualquer sentido separar, em nós, o ser humano que pensa ou sente do ser humano que trabalha. Fazer, fazer coisas, produzir ativamente, trabalhar com dedicação, é uma maneira de edificar o mundo e de realizar criativamente o encontro com os outros e conosco próprios. Mesmo o trabalho aparentemente mais simples oferece a quem o faz, além do mero aspeto material, uma possibilidade de sentido. Mas isto um “workaholic” não o sabe.

Pode parecer fina a linha que separa um “workaholic” de um trabalhador altamente motivado e com prestações excecionais. Não nos enganemos, porém: a distinção é bem real. O “workaholic” tornou-se patologicamente dependente do trabalho. A ele sacrifica tudo e todos. E uma dependência considerada “respeitável” enquanto ainda não é vista socialmente como uma perturbação nem está associada ao sofrimento e a pesados custos humanos. Mas é disso que se trata. Tende-se a tomar por normal uma patologia que está a tornar-se estatisticamente frequente. É uma realidade que nos deve fazer pensar.

Para um “workaholic”, o trabalho começou por representar a realidade mais importante da vida, e rapidamente passou a ser a vida. Na sua narrativa “A metamorfose”, Franz Kafka traça um quadro impressionante da questão, que é lida inclusivamente do ponto de vista psicológico: «... o pai [de Gregor] não queria tirar o uniforme nem sequer em casa; o pijama permanecia pendurado no armário e ele dormia, cuidadosamente vestido, na poltrona, como se estivesse sempre em serviço e também ali esperasse a voz de um superior». Muitos pais são assim. Evasivos no dia a dia, tendencialmente abstratos, prontos a fazer promessas para o primeiro fim de semana possível (a não ser que depois estejam demasiadamente cansados ou ocupados). Exibem uma ambição desmesurada e inflexível que mortifica todo a situação que tenha a

ver com a gratuidade das relações e com uma efetiva partilha da vida dos outros.

Os dias do “workaholic” são cada vez maiores, mas sempre demasiadamente breves, e esgotam-se numa interminável sucessão de tarefas, muitas das quais autoimpostas, sem uma finalidade visível, que reclamam uma atividade frenética e uma velocidade obsessiva, de modo que tudo o resto passa para segundo plano. Os elevados níveis de adrenalina requeridos por esse exercício amplificam uma certa ilusão de onipotência. A encenação é protegida pela ocupação obsessiva de todos os buracos na agenda. A isto se chama substituição, armadura, escudo protetor, compensação, olvido, pretexto: tudo nomes efetivamente coerentes com esse modo de vinculação.

Quando a atividade profissional se torna o eixo em torno do qual tudo, literalmente, gira, encontramos-nos na presença de uma fuga, um medo, um vazio de outra natureza que se resiste a confrontar. O hiperativismo, o perfeccionismo e o narcisismo ligados à dependência do trabalho são sintomas fulgurantes, mesmo quando não os queremos ver. Naturalmente, tudo isto, mais cedo ou mais tarde, produz consequências: a rutura com o mundo social e a autoexclusão. Estar presente diante de outros revela-se, inicialmente, uma coisa difícil a organizar, e bem depressa se torna impossível só de o pensar. O horizonte da vida pessoal e familiar reduz-se cada vez mais, até se tornar insignificante. A dimensão afetiva fica capturada pela ideia do sucesso profissional, perseguido de maneira compulsiva, e do aparato exterior de poder que dele resulta.

Como recorda Luigi Ballerini, esta é uma patologia que pode ferir todos, homens e mulheres, em qualquer tipo de profissão: gestores de topo e domésticas, profissionais liberais e administradores, professores ou comerciante. A ninguém está garantida a

imunidade. Com um problema acrescido: nos dias de hoje é o próprio sistema de trabalho que se tornou “workaholic”. Nas suas expectativas, no que incentiva ou no que premeia. Uma das coisas que devemos rever, como sociedade, é a ética do trabalho.

José Tolentino Mendonça  
In "Avvenire"  
Trad.: Rui Jorge Martins





## Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

### Junho

25	<i>Vale de Lobos</i>	Assembleia de Comunidade – 10h
25	<i>Vale de Lobos</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h

### Julho

20 a 1 Ago	<i>Hungria e Polónia</i>	Encontro Internacional VD e Jornadas Mundiais da Juventude
------------	--------------------------	--

### Agosto

6 a 13	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
20 a 27	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio com Colónia
31 a 4 Set	<i>Vale de Lobos</i>	Campo de Trabalho

### Setembro

16 a 18	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
23 a 25	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em [lisboa.verbumdei.org](http://lisboa.verbumdei.org)



# Família Missionária Verbum Dei

## Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

## Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

\_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

\_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

\_da oração;

\_do ministério da Palavra;

\_do testemunho de vida evangélica.



### **Centro de Evangelização Vale de Lobos**

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

### **Casa da Palavra**

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

### **Fraternidade Missionária Verbum Dei**

[lisboa.verbumdei.org](http://lisboa.verbumdei.org) | [contacto@verbumdei.org](mailto:contacto@verbumdei.org) | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)